



Além da edição impressa, as notícias do Agronegócio são publicadas diariamente no site do JC. Aponte a câmera do celular para o QR Code e acesse.
www.jornaldocomercio.com/agro



El Niño e aquecimento global pressionam agro

Cenário de maior umidade e eventos extremos amplia riscos nas lavouras e torna manejo, informação e crédito fatores decisivos

Claudio Medaglia
claudiom@jcrs.com.br

A possibilidade de formação de um El Niño de forte intensidade no segundo semestre de 2026 acende um alerta para a produção agrícola no Rio Grande do Sul. Com maior risco de chuvas intensas, doenças e eventos extremos, o cenário reforça a necessidade de adaptação no campo - movimento que já começa a ganhar corpo entre produtores e instituições.

A avaliação é compartilhada por técnicos da Secretaria da Agricultura e da assistência técnica oficial. Segundo o meteorologista Flavio Varone, coordenador do Sistema de Monitoramento e Alertas Agroclimáticos (Simagro-RS), os modelos indicam alta probabilidade de um evento forte, com impactos especialmente a partir do final do inverno e ao longo da primavera.

As culturas de inverno, como o trigo, devem ser afetadas principalmente na fase final do ciclo. O aumento de temperatura e umidade cria um ambiente favorável à incidência de doenças fúngicas e pode comprometer tanto a produtividade quanto a qualidade dos grãos. Além disso, o excesso de chuva pode reduzir a janela operacional no campo. “O aumento de temperatura e umidade no final do ciclo prejudica o desenvolvimento e pode dificultar a colheita”, explicou Varone.

Para a safra de verão, o prin-



FARSUL/DIVULGAÇÃO/JC

Cheias alagaram lavouras inteiras em algumas áreas, como em propriedade na cidade de Camaquã

cipal risco está na fase inicial. A tendência de chuvas acima da média na primavera pode atrasar o plantio de culturas como soja e milho, deslocando o calendário produtivo. “A tendência é de mais chuva durante a primavera, o que deve atrasar o início do plantio e estender a safra para dentro de 2027”, disse o climatologista.

Esse atraso pode comprometer o zoneamento agroclimático e afetar o desenvolvimento das lavouras, além de aumentar o risco de perdas por encharcamento e degradação do solo. Diante desse cenário, o planejamento agrícola baseado em dados climáticos deixa de ser diferencial e

passa a ser condição básica para a produção. Segundo o presidente da Emater/RS-Ascar, Claudinei Baldissera, a orientação técnica já incorpora essa lógica como eixo central. “Planejamento agrícola baseado em dados climáticos é um mantra”, afirmou.

Ele ressalta que, mesmo com incertezas sobre a intensidade do fenômeno, não é mais possível estruturar uma safra sem considerar os riscos climáticos. “É inevitável que possamos nos mover estrategicamente na agricultura sem colocar isso no horizonte”, disse.

Mais do que decisões pontuais, a adaptação passa por mudanças estruturais no sistema

produtivo, com destaque para o manejo do solo. A orientação técnica enfatiza a construção de sistemas mais resilientes tanto ao excesso quanto à falta de água. “Um solo bem estruturado precisa ter capacidade de reservar água quando falta e absorver quando há excesso”, explicou Baldissera.

Práticas como plantio direto, conservação do solo e sistemas integrados ganham protagonismo nesse contexto. A manutenção da palhada sobre o solo, por exemplo, contribui para reduzir o escoamento superficial em períodos de chuva intensa e aumentar a capacidade de retenção de água, favorecen-

O que está em jogo no campo gaúcho

Culturas de inverno

- ▶ Maior risco de doenças fúngicas
- ▶ Perda de qualidade dos grãos
- ▶ Dificuldades na colheita

Safra de verão

- ▶ Atraso no plantio
- ▶ Comprometimento do ciclo produtivo
- ▶ Risco de encharcamento e degradação do solo

Estratégias de adaptação

- ▶ Manejo e conservação do solo
- ▶ Uso de cultivares mais resistentes
- ▶ Planejamento baseado em dados climáticos
- ▶ Monitoramento constante

do do desenvolvimento das plantas tanto em cenários de excesso quanto de escassez hídrica. Programas como o Terra Forte, conduzido pelo Estado, buscam justamente difundir essas estratégias, acrescentou.

Além da resposta agrônômica, o nível de manejo também passa a ter impacto direto sobre o acesso a crédito e instrumentos de proteção. Segundo Baldissera, propriedades com melhor estrutura produtiva e adoção de práticas conservacionistas tendem a apresentar menor risco, o que influencia condições de financiamento, seguro rural e enquadramento em programas como o Proagro.

Do diagnóstico à mudança de comportamento



Baldissera vê tendência de eventos mais severos e frequentes no RS

A percepção sobre o risco climático também evoluiu entre os produtores. Segundo Claudinei Baldissera, presidente da Emater/RS, o tema sempre esteve presente, mas ganhou intensidade e maior embasamento técnico nos últimos anos.

“As informações hoje vêm com muito mais profundidade, e o produtor está mais atento e mais preparado para tomar decisões”, afirmou.

Esse movimento envolve tanto produtores quanto técnicos, com maior uso de dados, análises e ferramentas de monitoramento. O cenário local se conecta a um contexto global de aquecimento, que tende a aumentar a frequência e a intensidade de eventos ex-

tremos. Na prática, isso significa maior alternância entre estiagens severas e períodos de chuvas intensas – ambos com potencial de causar prejuízos relevantes.

“A tendência é de eventos mais severos e mais frequentes no Rio Grande do Sul”, alertou o meteorologista Flavio Varone. Diante desse quadro, especialistas apontam que o modelo produtivo deve passar por ajustes nos próximos anos.

Entre as principais mudanças esperadas estão: adoção de cultivares mais resistentes a estresses climáticos; maior rigor no manejo e conservação do solo; uso mais intensivo de dados e previsões climáticas; integração de sistemas produtivos.

Além disso, ferramentas como zoneamento agrícola e monitoramento de doenças tendem a ganhar ainda mais relevância na tomada de decisão.

Apesar dos avanços, a disseminação de informação de qualidade ainda é desigual, especialmente entre pequenos e médios produtores. Baldissera destaca que ampliar esse acesso é um dos principais desafios. “O acesso à informação está melhorando, com mais dados e mais precisão, o que permite decisões mais assertivas, especialmente de precaução”, afirmou.

A Emater também aposta na formação de jovens rurais como estratégia de médio prazo para acelerar a adoção dessas práticas.